

# A LITERATURA TOCANTINENSE EM TRÊS ATOS CIENTÍFICOS

## *THE LITERATURE OF TOCANTINS IN THREE SCIENTIFIC ACTS*

---

Rubens Martins da Silva 1  
Janaína Senem 2

---

**Resumo:** Este trabalho propõe reflexões e caminhos didáticos para o ensino de literatura tocantinense a partir da análise dos poemas “Alforria”, “Tocantins”, e “Feira Livre de Araguaína” que constituem a obra *Alforria Poética* de Maria da Ajuda Laranjeiras (2025). O estudo é resultado do curso de extensão “Letramento Acadêmico e Científico em Literatura Tocantinense” ofertado pela Universidade Estadual do Tocantins. As reflexões seguem o embasamento teórico do ensino de literatura conforme Candido (2002) e Cosson (2009), e também do campo específico da literatura tocantinense conforme Silva e McCoy (2025). A análise dos poemas selecionados indica que o trabalho pedagógico com a literatura tocantinense permite o diálogo interdisciplinar, por meio da diversidade temática, contribui para o desenvolvimento do letramento literário e favorece a compreensão e o reconhecimento de elementos que constituem a identidade do Estado. Ademais, as temáticas observadas nos poemas podem ser atreladas aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (IPEA, 2015). Esta característica possibilita que essa modalidade de literatura contribua para a Agenda 2030.

**Palavras-chave:** Literatura Tocantinense; Ensino de Literatura; *Alforria Poética*.

**Abstract:** This study proposes reflections and pedagogic approaches for teaching Tocantins Literature based on the analysis of the poems “Alforria”, “Tocantins”, and “Feira Livre de Araguaína” which constitute the work *Alforria Poética* by Maria da Ajuda Laranjeiras (2025). The study resulted from the course “Letramento Acadêmico e Científico em Literatura Tocantinense” (in English: Academic and Scientific Literacy of Tocantins Literature) offered by the State University of Tocantins. The considerations follow the theoretical framework of literature teaching according to Candido (2002) and Cosson (2009), and also the specific field of Tocantins Literature reported by Silva and McCoy (2025). The analysis of the selected poems indicates the pedagogical work with Tocantins literature allows the interdisciplinary dialogue through thematic diversity, contributes to the development of literary literacy and adds to the understanding of elements that constitute the State’s identity. Furthermore, the themes observed in the poems can be linked to the Sustainable Development Goals (IPEA, 2015). This characteristic enables this type of literature to contribute to the 2030 Agenda.

**Keywords:** Tocantins Literature; Literature Teaching; *Alforria Poética*.

---

1 - Doutor em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professor efetivo da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9384336574949691>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2334-0115>. E-mail: [rubens.ms@unitins.br](mailto:rubens.ms@unitins.br)

2 - Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora efetiva da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2907374226996446>. ORCID: 0000-0002-1551-0172. E-mail: [janaina.s@unitins.br](mailto:janaina.s@unitins.br)

## Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido com base nos indicadores da oferta do curso de extensão “Letramento Acadêmico e Científico em Literatura Tocantinense”. Especificamente, este curso resultou de umas das ações que integram o Programa de Extensão “Ciclo Tocantinense de Estudos Literários e Científicos (CTELC)”, o qual está institucionalizado na Pró-Reitoria de Extensão (Proex) da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins).

No referido curso, tivemos a oportunidade de realizar estudos sobre a literatura produzida no Estado do Tocantins, cujo objetivo central buscou realizar estudo de obras literárias de escritores tocantinenses sob o contexto do letramento acadêmico e científico em prol da publicação de artigos científicos.

Sob a perspectiva de um diálogo cada vez mais amplo com os diversos campos científicos, este artigo mobiliza reflexões vinculadas aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (IPEA, 2015) pelas ações da Agenda 2030.

Organizado em três seções, as quais correspondem aos três atos científicos apontados, este artigo aprofunda reflexões sobre a literatura do Tocantins. Nesse sentido, o primeiro ato científico corresponde à apresentação de reflexões sobre o ensino de literatura, tendo como ênfase o espaço que ela representa para o processo de ensino e aprendizagem. O segundo ato científico desdobra sua incursão na apresentação de uma ampla conceituação e caracterização da literatura tocantinense. O último ato científico apresenta uma análise crítica e pedagógica da obra “Alforria poética”, de Maria da Ajuda Laranjeiras (2025).

## Fundamentos teóricos para o ensino de literatura

O ensino de literatura, na perspectiva de Antonio Candido (2002), é visto como direito centrado na prática social formadora. Nesse sentido, Machado (2023, p. 169) aponta que “A compreensão da função social da literatura na construção dos valores da nacionalidade brasileira passa pela distinção entre manifestações literárias isoladas e literatura como sistema estruturado de escritor, obra e público”.

Ainda com base em Candido (2004, p. 174), entende-se a literatura de forma ampla como campo que abrange “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.” Nesse sentido, ensinar literatura não se restringe apenas ao trabalho com os clássicos literários, mas sim a amplitude de criações literárias que constituem uma sociedade.

Umberto Eco, escritor e crítico literário, em discurso proferido no Festival de Literatura de Mântua em 2000, aborda algumas funções da literatura em nossa sociedade. Para Eco, a literatura, antes de mais nada, é uma expressão da língua e, por consequência, contribui para a formação de si mesma. Nessa perspectiva, e a partir da relação com a língua, a literatura também constitui parte da identidade de um povo. Em outras palavras, pensar identidade brasileira, por exemplo, implica considerar Clarice Lispector, Machado de Assis, Jorge Amado, Ariano Suassuna, entre outros autores que trazem parte do contexto cultural brasileiro em suas obras.

O autor também considera que as obras literárias nos convidam “[...] à liberdade de interpretação porque nos propõem um discurso a partir dos inúmeros planos de leitura e nos colocam perante as ambiguidades da linguagem e da vida.” (Eco, 2000, p. 14). Nesse sentido, trabalhar com literatura possibilita o desenvolvimento de leituras plurais do mundo a partir do contexto e do momento histórico em que nos situamos.

No âmbito de sala de aula, o trabalho com a literatura pode contribuir para a formação de leitores críticos bem como para a ampliação do repertório identitário e cultural dos alunos. Nesse sentido, destaca-se o trabalho de Rildo Cosson (2009) acerca do letramento literário. Para Cosson (2009, p. 47),

A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários.

Nessa perspectiva, o trabalho com a literatura em sala de aula é pensado de forma a oferecer ao aluno uma experiência crítica e transformadora a partir do contato com o texto literário. Ainda para Cosson (2009, p. 47), “a literatura deve ser trabalhada de forma contínua partindo daquilo que o aluno conhece para aquilo que ele desconhece e também do simples para o mais complexo tendo em vista à ampliação do seu repertório literário”. Nesse sentido, o trabalho com a literatura tocantinense se alinha ao proposto por Cosson (2009) em razão de ser uma produção literária que apresenta características vinculadas ao contexto local, podendo contribuir para futuras leituras oriundas de contextos diversos.

Pensando no trabalho didático, Cosson (2009) propõe duas modalidades de sequências didáticas para o ensino literário: a sequência básica e a expandida. Conforme o autor, ambos os formatos são significativos para o desenvolvimento da leitura literária na escola e o professor pode utilizar um ou outro a depender do seu contexto pedagógico. A sequência didática básica é pensada em quatro momentos: 1. motivação, 2. introdução, 3. leitura, e 4. interpretação. Já a sequência expandida, como o próprio nome sugere, incorpora alguns elementos a esses quatro princípios sem abandoná-los. Nesta modalidade, acrescenta-se a contextualização e a expansão. A seguir apresentamos brevemente um pouco desses princípios didáticos delineados por Cosson (2009).

A primeira etapa do trabalho com a leitura literária na escola é a motivação que consiste na preparação do leitor para o recebimento do texto (Cosson, 2009, p. 56). É uma fase essencial e pode contemplar atividades lúdicas que visem fomentar o interesse pela leitura. Em seguida, o professor deve fazer uma breve apresentação do autor e da obra escolhida para leitura na etapa que Cosson chama de introdução. Nesse momento, é preciso que o professor justifique a importância da obra e tome cuidado para não cair em um excesso de informações acerca da biografia do autor que possam desviar o foco da proposta de leitura.

Conforme acentua Cosson (2009, p. 60), “[...] não custa lembrar que a leitura não pretende reconstituir a intenção do autor ao escrever aquela obra, mas aquilo que está dito para o leitor.” Isso significa que o trabalho na introdução não é sobre buscar descobrir possíveis intenções do autor, mas em fornecer informações básicas que contribuam para a leitura da obra.

Após esses dois primeiros momentos, adentra-se na leitura. Neste momento o professor deve acompanhar o processo de leitura dos alunos e compreendê-la como uma atividade individual. Segundo Cosson (2009, p. 63) “A leitura do texto literário [...] é uma experiência única e, como tal, não pode ser vivida vicariamente”. Assim, o professor coloca-se na posição de acompanhante do processo individual de leitura dos alunos de forma a oferecer suporte, e não policiamento do ato de ler.

Terminada a leitura, chega-se ao momento da interpretação. Para Cosson (2009), na sequência básica, esse momento é dividido em interno e externo. O que o autor chama de momento interno se refere ao encontro individual do leitor com a obra literária e a sua apreensão global. Já o momento externo consiste na “[...] materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade”. (Cosson, 2009, p. 65) Isto é, o momento externo é possibilitado especialmente no contexto escolar a partir da discussão em sala de aula dos sentidos construídos a partir das múltiplas leituras de determinado texto.

Na sequência didática expandida, a interpretação é dividida em primeira e segunda interpretação. A primeira contempla a apreensão global da obra, enquanto a segunda interpretação se relaciona ao que Cosson (2009) chama de contextualização. Por contextualização Cosson (2009, p. 86) entende como o “[...] aprofundamento da leitura por meio dos contextos que a obra traz consigo.” Nesse sentido, a segunda interpretação explora de forma aprofundada elementos presentes na obra e que se conectam de alguma forma com os

contextos<sup>1</sup> que podem ser observados no texto, sejam eles relacionados aos temas, às questões históricas, a uma forma estilística, entre outros. Por exemplo, na análise aqui conduzida, percebemos que o poema “Alforria” pode ser interpretado a partir de sua relação com o contexto histórico da escravidão no Brasil, como desenvolvido na seção de análise deste artigo.

Por fim, a sequência didática expandida também incorpora o que Cosson (2009, p. 94) chama de expansão. Para o autor, “[...] a expansão busca destacar as possibilidades de diálogo que toda obra articula com os textos que a precederam ou que lhe são contemporâneos ou posteriores”. Assim, esta etapa explora as relações textuais permitindo que o aluno compreenda a obra em sua dimensão discursiva situada em relação com outros textos.

Com ênfase nos elementos delineados, compreende-se, então, que o trabalho com a literatura na escola pode contribuir para o desenvolvimento de reflexões sobre questões envolvendo língua, cultura, história e identidade. Nesse sentido, propostas metodológicas bem embasadas, permitem que o trabalho didático seja feito de forma clara, coesa e significativa, motivando os alunos à expansão do repertório cultural.

## **Um breve percurso conceitual e característico da literatura tocantinense**

Nesta seção, o foco da incursão científica está centrado na apresentação de um breve percurso conceitual e característico da literatura tocantinense. Para tanto, nossa mobilização discursiva está centrada em trabalhos científicos resultantes de pesquisas que tiveram como campo empírico o uso estudo de obras publicadas por escritores do estado do Tocantins.

Inicialmente, o elemento conceitual sobre a literatura tocantinense diz respeito à publicação de Silva e McCoy (2025). Nesse sentido, os autores apontam de forma clara e objetiva o modo como se considera a literatura tocantinense. Vejamos o que estes autores apontaram:

A caracterização do termo “Literatura Tocantinense” diz respeito a uma das grandes inquietações sobre o ato de nomeação de determinado espaço literário. A partir disso, questiona-se: o que pode ser caracterizado como “Literatura Tocantinense” ou “Literatura Produzida no Tocantins”? De modo reflexivo, as respostas esperadas para o contexto destes dois termos têm em comum elementos literários tocantinenses ou não. Além disso, as duas nomeações apresentam efeito espiralar, uma vez que o ponto fundamental da discussão sobre os dois termos em questão não se restringe a dizer o que é ou não a produção literária no estado do Tocantins (Silva; McCoy, 2025, p. 39).

As inquietações apresentadas por Silva e McCoy (2025) indicam que os escritores do estado Tocantins têm obras que retratam elementos característicos da região norte do Brasil. Nesse sentido, os autores explicam que

O entendimento sobre o termo “Literatura Tocantinense” diz respeito às obras literárias que dão ênfase à valorização da identidade regional, o resgate de tradições e a representação das paisagens e peculiaridades locais. Assim, é uma literatura que congrega registros sobre fauna e flora, rios, solo, riquezas minerais, pontos turísticos, praias, rios e riachos do estado do Tocantins. Além disso, essa literatura pode explorar questões históricas sobre colonização,

<sup>1</sup> No que diz respeito ao contexto, Cosson (2009, p. 86) argumenta que a leitura de uma obra permite a exploração de um número ilimitado de contextos. Por conta disso, o autor propõe sete tipos de contextualização: teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática. Neste presente artigo não adentramos nas especificidades de cada uma delas uma vez que propomos uma compreensão global da proposta de Cosson.

formação social, questões ambientais, dentre outros temas da região (Silva; McCoy, 2025, p. 40).

Dito de outro modo, as obras publicadas por escritores tocaninenses são identificadas, também, como aquelas que não retratam elementos do referido território. No entanto, o fato de eles residirem em um dos 139 municípios possibilita que seja atribuída a nomeação de “Literatura Produzida no Tocantins - LPT”. Sobre isso, os autores abordam a seguinte explicação:

A literatura, seja ela característica ou não de uma determinada região, representa a força expressiva do escritor. Nesse sentido, ela é importante porque assume o papel de comunicar algo real ou ficcional ao leitor. Ao “pé da letra”, o primeiro apontamento conceitual mergulha na definição de que a LPT corresponde a obras que não apresentam características específicas sobre o estado do Tocantins, mas que foram publicadas a partir de 1989 por escritores residentes em algum de seus municípios (Silva; McCoy, 2025, p. 40).

Diante os elementos apresentados, a obra *Alforria Poética*, de Maria da Ajuda Laranjeiras (2025), tomada como objeto de análise neste artigo, é denominada “Literatura Tocantinense”. No entanto, como sua autora reside no Tocantins, essa obra é também uma “Literatura Produzida no Tocantins”.

## No entremeio tocaninense de *Alforria poética*

Nesta seção, a tessitura discursiva está centrada na análise da obra *Alforria poética*, de Maria da Ajuda Laranjeiras (2025). Nela, a autora, em tom de explosão de sua libertação criativa, buscou inspiração à própria alforria em diferentes contextos de suas vivências, bem como em inspirações drummondianas para falar do seu lugar social e das janelas que se abriram a partir da divulgação de sua criação estética.

Especificamente, a análise fez um mergulho nos poemas: **Alforria** (p. 19), **Tocantins** (p. 34) e **Feira Livre de Araguaína** (p. 69). Em tempo, a escolha destes três textos representa, também, uma forma de liberdade de escolha daqueles que apresentam maior diálogo com o objeto da pesquisa.

### ALFORRIA

Chega de trabalho escravo  
A liberdade, finalmente, chegou  
A Carta de Alforria foi dada  
Alforria que nosso povo sonhou.

O negro das senzalas  
Senzalas fétidas, encharcadas  
Dos porões de celas frias  
Celas escuras, imundas, mofadas.

Cenário comum aos negros  
Que fizeram nossa história  
A história do Brasil  
Que registra somente glória.

Sufrimento nunca mais  
Chega de sangue derramado  
Chega de tronco, de chicote  
Dos senhores desalmados.

Que soem os tambores  
Vamos comemorar  
A liberdade sonhada  
Que acaba de chegar.  
(Laranjeiras, 2025, p. 19)

A obra *Alforria Poética* (Laranjeiras, 2025), além dos elementos que discutem os efeitos da liberdade, seja ela poética ou social, apresenta ampla relações com os ODS (IPEA, 2015). Nesse enfoque, o ODS nº 04, o qual trata da “Educação de Qualidade” com oportunidade para todos, conforme assegurado no documento oficial: “Meta 4.1 - Até 2030, garantir que todas as meninas e meninos completem o ensino primário e secundário gratuito, equitativo e de qualidade, que conduza a resultados de aprendizagem relevantes e eficazes” (IPEA, 2015, p. 07).

O poema *Alforria* evidentemente trata da escravidão e do fim da escravidão no contexto brasileiro. A escolha desse tema se faz pertinente no contexto brasileiro que, conforme dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi o país que mais importou escravos no continente americano. Dados apontam que “entre os séculos XVI e meados do XIX, vieram cerca de 4 milhões de homens, mulheres e crianças, o equivalente a mais de um terço de todo comércio negreiro” (IBGE, 2000). Esse número expressivo evidencia a importância de retratar tal temática, assim como faz Laranjeiras (2025) neste poema, uma vez que a escravidão fez parte da história do Brasil e mantém relação com a constituição da sociedade brasileira contemporânea - uma sociedade, ainda, altamente racista.

Ao analisarmos o poema percebe-se que Laranjeiras (2025) explora a temática da Alforria como a chegada da liberdade e o fim do sofrimento do povo escravizado. Essa interpretação é sustentada por trechos como “A liberdade, finalmente, chegou”, “A Carta de Alforria foi dada” e “Sufrimento nunca mais”. Em termos históricos, a carta de alforria no Brasil.

[...] transferia do senhor para o próprio cativo o direito a uma propriedade (o escravo). Essa transferência tinha de ser formalmente registrada e autenticada por um tabelião. Ao cumprir-se essa formalidade, o ex-escravo, agora denominado forro ou liberto, ficava legalmente livre (Nishida, 1993, p. 229).

No Brasil, estudos mostram que a alforria era um fenômeno corriqueiro durante a escravidão (Matheus, 2018). Além disso, tal prática não seguia sempre o mesmo princípio, podendo ser condicionada ou não condicionada, paga pelo próprio escravo ou concedida pelo senhor (Pires, 2006). Em estudo sobre cartas de alforria no alto sertão da Bahia, Pires observa as cartas encaminhadas para a justiça no século XIX. Neste contexto, por exemplo, a autora observa que a porcentagem mais elevada das alforrias foi condicionada à serviços (Pires, 2006, p. 146). Tal ilustração nos mostra como o fenômeno da alforria envolve uma complexidade de fatores não podendo ser entendido de forma leviana como a libertação do povo escravizado.

Na verdade, Matheus (2018, p. 5) afirma que há divergência entre autores no que diz respeito à alforria, alguns entendendo-a como “[...] uma concessão senhorial, e por isso servia para reproduzir o sistema social vigente; [...]”, enquanto outras a entendiam como uma conquista que auxiliaria para deteriorar o funcionamento do sistema escravista no longo prazo. Em nosso estudo, não nos cabe aprofundar nessas correntes interpretativas, mas entender como o poema de Laranjeiras reforça uma visão da alforria como libertação. Visão essa que possibilita o debate em sala de aula, considerando a realidade das alforrias no Brasil e suas características muitas vezes, como vimos, condicionadas e pagas pelos escravos.

Em contraponto a uma visão, muitas vezes, glorificada de certos acontecimentos históricos, Laranjeiras (2025) alimenta uma perspectiva crítica especialmente no trecho “A história do Brasil / Que registra somente glória.” Tais versos podem ser interpretados como uma crítica ao apagamento histórico de fatos que não servem a um discurso idealizado da história brasileira. Nesse sentido, a partir da realidade das cartas de alforria brasileira, esse excerto pode ser relacionado ao apagamento de questões controversas envolvendo a alforria como o próprio condicionamento e/ou pagamento para a conquista da sonhada liberdade, a qual, na maioria das vezes é visto como uma certa falta de liberdade.

Em termos didáticos, este poema pode ser trabalhado de forma interdisciplinar quando do estudo sobre o período da escravidão no Brasil. Além disso, o poema faculta uma discussão crítica deste período histórico e possibilita a observação das marcas deixadas pela escravidão e que permeiam nossos dias atuais. Nesse sentido, é possível fomentar discussões acerca do racismo estrutural que constitui a sociedade brasileira contemporânea. Assim, o trabalho didático com este poema também possibilita contribuir para o ODS de número 18, como acrescentado pelo Brasil, com o objetivo de promover a igualdade étnico-racial (Brasil, 2024).

A liberdade percebida no poema *Alforria* projeta a visão em prol da descoberta de novos horizontes. Nesse sentido, o poema Tocantins (p. 34), conforme citação de algumas de suas estrofes, favorece a percepção de um lugar que conduz os sujeitos à liberdade alinhada com as belezas naturais.

Vejamos alguns trechos do poema para uma análise da liberdade que o estado do Tocantins oferece.

#### TOCANTINS

[...].  
O Tocantins grandioso  
Tem Palmas como capital  
Uma cidade planejada  
Morar aqui é legal  
Muito verde e ruas largas  
E preocupação ambiental

Há também uma grande praça  
Maior da América Latina é  
Cheia de árvores e passarelas  
Para o palmense andar a pé  
Ela abraça o turista  
Nas caminhadas que fizer.

[...].  
A natureza foi generosa  
Nem um pouco egoísta  
Praias, dunas, cachoeiras  
E rios ao gosto do turista  
Quem aprecia a natureza  
Jalapão está na lista  
[...].

O Tocantins não é só isso  
Se deseja conhecer  
Este pedaço do Brasil  
Venha e você vai ver

Que o Tocantins é muito rico  
E tem muito a oferecer.  
(Laranjeiras, 2025, p. 34)

Na primeira estrofe, um dos destaques apresentados pela autora corresponde ao sentimento de satisfação em morar numa Capital planejada. Nesse sentido, as ruas e a quantidade de árvores verdes reforçam a imagem de uma cidade moderna e fora do caos das metrópoles mais antigas. Além disso, a preocupação ambiental é outro ponto abordado pela autora, pois ela observa que o crescimento econômico e urbano da capital caminha junto com a preservação, o que é um diferencial competitivo para o Tocantins.

As marcas territoriais são percebidas, por exemplo, na segunda estrofe do poema. A menção à praça e à sua pujança, singularidade e acolhimento representam o destaque de um lugar devidamente planejado. Assim, a praça é mais que um espaço físico, é um lugar que permite a realização de caminhadas em prol dos cuidados com a saúde. A praça é também um lugar de encontros com pessoas de diversos lugares, pois nela são vistos turistas em apreciação de sua singularidade arquitetônica e urbanística.

Assim, as referências territoriais e ambientais observadas nesse poema permitem que ele possa ser trabalhado de forma conjunta com os conteúdos de história e geografia, por exemplo. Ao tratar de questões urbanísticas, como a menção da Praça dos Girassóis, a maior praça da América Latina, o professor pode trazer imagens das mudanças ocorridas nesta praça ao longo da história do Estado.

Frente ao contexto em que esse texto se apresenta, pode-se, também, tratar dos poderes do Estado que estão presentes na praça e também trazer comparações com outras praças da América Latina. Atividades como essas permitem que os alunos repensem sobre um lugar que lhes é familiar e construam novos saberes sobre este espaço representativo de Palmas.

De certo modo, as menções aos recursos naturais podem ser alinhadas com diversos conteúdos do campo da geografia e fomentar a discussão sobre a necessidade de preservação ambiental. Essas discussões podem ser ampliadas no sentido de observar como os recursos ambientais também fazem parte da identidade e da cultura de um povo.

No poema **“Feira Livre de Araguaína”** (p. 69), a narrativa explora um dos mais movimentados locais públicos do estado do Tocantins. Vejamos algumas partes do poema que explora o olhar do povo para o que se comercializa na “feira”.

#### FEIRA LIVRE DE ARAGUAÍNA

Araguaína, cidade do Tocantins  
A maior cidade depois da capital  
Fica ao norte do Estado  
Tem muito movimento por sinal  
À beira do Belém-Brasília  
E da Amazônia é o portal.

Aos amantes da feira livre  
Que aqui lhes contar  
Sobre duas feiras importantes  
Que fazem parte deste lugar  
Ambas em bairros diferentes  
Mas têm de tudo para comprar.

Primeiro registro aqui a feira  
Situada no centro da cidade  
Mais antiga, como o mercado  
Tem clientela de mais idade  
Aproveitam para contar histórias

Comprar e matar a saudade.

[...].

A feira livre de Araguaína  
Tem de tudo para comprar  
Farinha boa do Quebra-Vara  
Polvilho, milho, bolo de fubá  
Melancia, abacaxi, laranja  
E até castanha do Pará.

[...].

A feira do entroncamento  
Não perde para a feira central  
Tudo que se procura tem  
Mas o pastel tem diferencial  
Virou ponto de encontro  
No domingo, já é cultural.

Muito mais tenho a falar  
Sobre as feiras de Araguaína  
Mas finalizo nesta estrofe  
Dizendo que feira ensina  
Relacionamento com pessoas  
É a essência que fascina.  
(Laranjeiras, 2025, p. 69).

De forma semelhante ao poema “Tocantins”, “Feira Livre de Araguaína” destaca elementos territoriais e culturais que pertencem ao espaço tocantinense, como evidenciado pela localização geográfica “À beira do Belém-Brasília / E da Amazônia é o portal”. Outros elementos próprios da cidade de Araguaína também são evidentes no poema, como “a maior cidade depois da capital” e “Fica ao norte do Estado / Tem muito Movimento por Sinal”. Entretanto, ainda que o poema verse sobre as feiras de Araguaína, podemos relacionar com a existência de tantas outras feiras livres que se espalham pelo território brasileiro. Assim, o poema também alcança uma dimensão nacional no que diz respeito à representação desses espaços.

Em estudo sobre as feiras livres no contexto brasileiro, Sara Soares Costa (2024) observa teses e dissertações que tratam dessa temática no território brasileiro. Conforme Costa (2024, p. 2), as feiras livres na contemporaneidade

[...] emergem como espaços de experiências e convivências marcados pela possibilidade de coexistência de Economias híbridas, Resistência Social, Cultura e Educação Popular. Estes espaços tradicionais, não perderam a capacidade de manter vívida coexistência das lógicas da produção e do *modus vivendi* doméstico e familiar; continuam a ser dinamizadores das economias solidárias e populares.

Nessa perspectiva, o poema de Laranjeiras (2025) estabelece conexão com essa visão da feira como espaço de experiência e convivência como percebemos nos versos “Dizendo que a feira ensina / Relacionamento com pessoas”. Os versos “Mas o pastel tem diferencial / Virou ponto de encontro / No domingo, já é cultural” se alinham com a visão de Costa (2024) da feira como espaço também cultural. Além disso, a referência ao pastel atua como um recurso que

reforça essa dimensão cultural da feira, uma vez que evoca uma iguaria tipicamente brasileira.

Assim, o trabalho com o poema em sala de aula permite discussões acerca dos aspectos regionais e nacionais que constituem as feiras e como esses espaços contribuem para a economia local, por exemplo. Nessa linha, o professor pode sugerir atividades que tratem das experiências dos alunos com suas idas às feiras, as várias atividades que são envolvidas nesses espaços, e às observações das variações linguísticas. Além disso, assim como o poema “Tocantins”, o uso da rima é frequente nesta produção textual, permitindo que questões linguísticas também sejam exploradas em sala de aula.

Desse modo, observamos que os poemas aqui analisados tratam de temáticas diversas que podem contribuir para discussões interdisciplinares envolvendo temas da história do Brasil, história do Tocantins, geografia, meio ambiente, identidade cultural, variações linguísticas, entre outros. Além disso, compreendemos que o trabalho com a literatura tocantinense possibilita que o aluno siga o percurso delineado por Cosson (2009), no qual inicia as leituras literárias a partir do que conhece para, posteriormente, expandir seu repertório para outros contextos. Nesse sentido, a literatura tocantinense contribui para o desenvolvimento do letramento literário e faculta uma formação de qualidade, além de contribuir com o ODS nº 04, o qual visa garantir educação de qualidade a todos.

## Considerações finais

Este trabalho observa que a literatura tocantinense fornece um campo literário significativo para o trabalho pedagógico. A partir da análise dos poemas “Alforria”, “Tocantins” e “Feira Livre de Araguaína”, pertencentes à obra *Alforria Poética*, de Maria da Ajuda Laranjeiras (2025), verificamos que diversas temáticas e conteúdos podem ser explorados em sala de aula. Nesse sentido, observa-se que a literatura tocantinense em sua variedade temática permite o diálogo interdisciplinar e faculta a diversidade do trabalho pedagógico na medida em que várias atividades podem ser elaboradas a partir do texto literário.

Ademais, o trabalho com essa modalidade de literatura traz para o centro da sala de aula aspectos regionais que são reconhecíveis pelos alunos. Nessa linha, escolher por esse caminho literário pode ser um fator para instigar a motivação da leitura nos alunos, uma vez que eles reconhecem o mundo ali narrado. Além de contribuir para a motivação, etapa essencial no trabalho com literatura conforme Cosson (2009), o trabalho com elementos pertencentes à identidade e cultura regionais possibilita que os alunos reflitam sobre seu dia a dia e observem elementos do cotidiano a partir de um novo olhar. A depender da proposta pedagógica, a literatura tocantinense, então, pode gerar reflexões e transformações nas concepções acerca da sua realidade.

Por fim, trazer para a sala de aula, por meio da literatura, questões do universo do aluno pode funcionar como uma porta de entrada para outras formas de literatura oriundas de contextos diversos. Nesse sentido, entendemos que o trabalho pedagógico com a literatura tocantinense pode contribuir para uma educação de qualidade e promover uma formação crítica e transformadora. Por esses motivos, este trabalho não esgota suas análises, pois seu enfoque consiste em apontar que os escritores tocantinenses produzem obras literárias necessárias à formação de leitores críticos, bem como a realização de pesquisas em diferentes níveis.

## Referências

BRASIL. ODS 18 – Igualdade Étnico-Racial. Ministério da Igualdade Racial. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br/objetivo/objetivo?n=18>. Acesso em: 2 mar. 2026.

CANDIDO. Antonio. A literatura e a formação do homem. In. \_\_. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. p.77-92.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1258/pdf/5>. Acesso em: 10 mar. 2026.

COSTA, Sara Soares. Feiras livres: o que dizem as pesquisas sobre o fenômeno no Brasil? **Itinerarius Reflectionis**: Revista de Graduação e Pós-Graduação em Educação, v. 20, n. 1, 2024. ISSN 1807-9342.

IBGE. Negros. In: Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/en/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros.html>. Acesso em: 12 mar. 2026.

IPEA. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**. Brasília: Ipea. Disponível em: [www.ipea.gov.br/ods](http://www.ipea.gov.br/ods).

LARANJEIRAS, Maria da Ajuda. **Alforria poética**. - Araguaína-TO: Le Coq Editora, 2025.

MACHADO, Márcia. Literatura, formação e educação na obra de Antonio Candido: a humanização do homem. In.: **Estudos avançados**, nº 37 (107), 2023, DOI: 10.1590/s0103-4014.2023.37107.010

MATHEUS, Marcelo Santos. A produção da liberdade no Brasil escravista (século XIX). **História** (São Paulo), São Paulo, v. 37, e2018025, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2018025>.

NISHIDA, Mieko. As alforrias e o papel da etnia na escravidão urbana: Salvador, Brasil, 1808-1888. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 23, n. 2, 1993. DOI: <https://doi.org/10.11606/1980-53572322mn>.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. Cartas de alforria: “para não ter o desgosto de ficar em cativeiro”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 26, nº 52, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882006000200007>.

SILVA, Rubens Martins da; McCOY, Clarissa de Sousa Oliveira. **Caracterização e análise da literatura tocantinense**. Revista Humanidades e Inovação, Palmas, v. 12, n. 5, p. 25-38, 2025. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/9882/6483>. Acesso em: 22 mar. 2026.

Recebido em 11 de abril de 2026.

Aceito em 15 de abril de 2026.